

Capítulo XI Rogério & Margarida

Silvana Marques de Carvalho

Eu dizia-lhe muitas vezes:

- Sinto-me bem ao pé de ti, é verdade.

Era isso que eu sentia. Sentia-me bem com ele. Tanto que, repara: de manhã à noite, estávamos sempre juntos. Mas cada um fazia o seu trabalho e toca a andar! Estávamos juntos e não estávamos juntos, não é? De maneira que eu nunca me enjoei do homem. Graças a Deus. Ai... Por isso é que eu digo... Sentia-me bem com ele.

Ainda há bem pouco tempo, estávamos ali na mesa da cozinha e estava eu a dizer-lhe assim:

- Olha, pá, a única coisa que a gente tem é... Eu não sei se isto é amor. Se é amor eu sentir-me bem contigo e estar bem ao pé de ti, então é amor.

Hoje sinto que era, mas naquela altura... não sabia. Agora sinto muito, muito, a falta. Aquela presença, era de noite, era de dia, era tudo... Sinto muito a falta dele. Muito, muito. Portanto, era amor.

Eu dizia-lhe muitas vezes que a paixão podia acabar, que o mais importante era a amizade, até ao fim.

- A paixão, sim, mas a amizade nunca pode acabar.

Respondia-me ele, naquela conversa, sentados à mesa, na cozinha:

- Paixão tive eu por ti! Nós temos uma amizade tão grande!...

Eu não sei o que é. Não sei definir. Hoje sinto mais o que era porque sinto tanto a falta dele agora que... Era, de facto, não sei... Um sentimento desses, assim, não sei.

∞

Foram 54 anos de um casamento feliz.

Deverá ter sofrido embates de vária ordem, entre discussões comezinhas e amuos a despropósito à conta de azias e males de fígado de parte a parte (quem não os tem não é gente, não é verdade?). Outros, desacatos e dores de incompreensão, terão provocado feridas que sararam com o perdão e a saudade de amor. Finalmente, terá havido momentos mais ou menos prolongados de aflição relacionados com a saúde, esse bem maior, e com o dinheiro, esse.

Foram 54 anos de um casamento feliz.

∞

Combinaram que uma vez por semana iriam ao cinema ou ao teatro. Escolheram o dia mais fraco, quarta-feira. Mesmo assim, se queriam fazer programa cultural, não conseguiam jantar. O trabalho acabava tarde e tinham de ir a correr comprar os bilhetes para se sentarem, afogueados, numa plateia da capital. Resolveram então que mais valia irem jantar fora e passarem o serão, calmamente, a descomprimirem e a reconhecerem os dias que haviam decorrido, um com o outro.

A televisão, em Portugal, apareceu em 1957. O Rogério e a Margarida compraram um televisor lá para casa um ano depois de casarem, em meados de 1959.

Pronto, já tínhamos televisão em casa. Já tínhamos cinema em casa, não precisávamos de ir ao teatro.

No entanto, ao contrário do teatro, até ao início da década de oitenta, a televisão em Portugal captava tudo e todos a preto e branco (hoje transmite a cores muitos programas monocromáticos).

∞

De vez em quando, depois do expediente, a Margarida descia, a pé ou de autocarro, até à Baixa. Gostava muito daquelas escapadelas para fazer um recado, dar uma voltinha e espreitar as novidades nas montras. Demorava-se, por vezes, perdendo o autocarro das tantas, só voltando às quinhentas!...

As saídas da Margarida deixavam o marido inquieto. As investidas solitárias da mulher pelas ruas e ruelas da velha Lisboa provocavam ao Rogério o desenvolvimento de um nó que o apertava na garganta. Não havia razão para tal, ele sabia, mas o sufoco, esse, não conseguia evitar. Quando ele acabava o trabalho e ela se demorava mais tempo, o Rogério sentava-se perto da porta de entrada do apartamento, ao balcão, à espera da eterna cliente. Antes, tinha ido várias vezes à janela que espreitava para a Alexandre Herculano e para a Avenida da Liberdade, à direita, a ver se lhe adivinhava o passo apressado, de retorno ao lar. Mas, nada! Não conseguia sossegar. Caminhava de um lado para o outro, no salão de cabeleireiro, como se este se tratasse de um palco vazio depois do espetáculo diário, todos os dias encarado como uma estreia. Uma bela vida, a dele, pensava. Uma profissão acarinhada, reconhecida pelas estrelas da companhia, as clientes, e uma família que o acalentava. Nada lhe faltava... Uma voz, de dentro, no entanto, gritava:

- Mas, que Diabo, onde é que se meteu aquela mulher? Terá caído? Terá sido assaltada? Ou distraiu-se com uma montra mais enfeitada? Que raio de sufoco este, na minha garganta! Fumava mais um cigarro, sentado atrás do balcão.

Finalmente, quando a mulher regressava, ele não lhe escondia a preocupação anterior.

Desapertava-se-lhe o nó imaginário na garganta e o Rogério, ainda espantado, sussurrava:

- Ah, estava a ver que nunca mais vinhas! Já está de noite!..

Respondia-lhe, divertida por dentro, a Margarida:

- Então, homem, eu não te telefonava se houvesse algum problema?

Ele não era ciumento. Ou se era, engolia, e eu não dava por isso. Quando me esperava assim, à porta de casa, e me dizia coisas em sussurro, não estava zangado, estava mesmo preocupado. Ai minha Nossa Senhora, que Deus Nosso Senhor o tenha lá em bom sítio!...

∞

Quando se trabalha num cabeleireiro ouvem-se muitos segredos. As clientes, tranquilizadas pelas massagens no couro cabeludo e pelo eco dos tratamentos de beleza nos seus corações, desabafam a rodos cenas íntimas das vidas conjugais e/ou outras.

O Cabeleireiro “Rogério & Margarida” não era exceção. O parlapiê jorrava em doses generosas, proveniente quer de donzelas quer de casadas, viúvas, amadas, desgraçadas, emproadas, tímidas, escaldadas, bem ou mal tratadas. Atente-se que naquela altura, anos 50, 60, não havia tantas revistas cor-de-rosa repletas de mexericos e inconfidências públicas de pessoas que se tornam famosas à conta do desperdício crescente da inteligência humana ou, por outras palavras, da globalização da estupidez e da consequente despersonalização, uma praga de contornos mundiais que destrói a parte humana dos seres. Daí que, naquela altura, os segredos contados pelas clientes no cabeleireiro fossem muito mais secretos e íntimos, cenas delas próprias ou de vizinhos e assim. O desabafo era isso mesmo, um desabafo, e o mexerico era uma história sussurrada ao ouvido da cabeleireira, da manicure, da massagista, numa partilha de mágoas ou de gozos, em canal mais ou menos fechado, tanto quanto a capacidade de destruição dos ditos, desabafo e mexericos, por parte da recetora.

O Rogério implorava à Margarida que não lhe contasse nem um dos muitos segredos que ela ouvia das clientes em cada jornada. Ele sabia que a Margarida era o confessionário das clientes, que elas adoravam descarregar as pilhas na mulher. Então, preferia que ela não lhe contasse nada, assegurando desse modo a salvaguarda da intimidade de cada uma.

Assim, ao contrário de muitos casais, que tentam que cada um conte ao outro tudo o que se

tem passado, mesmo se de assuntos de outras pessoas se trate, o casal Rogério e Margarida fazia questão em preservar os seus segredos, principalmente tratando-se de segredos de pessoas alheias ao seu serviço: o casamento. De dia partilhavam o espaço, de noite partilhavam-se e isso bastava-lhes.

Juntos 24 horas por dia, no entanto...

A gente não tinha tempo para se fartar!...